

Ulysses e Covas juntos tentam conter pressões

JORNAL DO BRASIL 18 ABR 1987

ANC P3

TARCISIO HOLANDA
Repórter Especial

O presidente do PMDB, Ulysses Guimarães, já absorveu a vitória do senador Mário Covas para líder da Constituinte, contra o candidato de sua preferência, o líder da Bancada na Câmara, Luiz Henrique. Agora, amigos de Ulysses e Covas tentam aproximar os dois políticos, procurando afastar reservas e desconfianças nas relações dos dois.

A noite de terça para quarta-feira, Ulysses promoveu uma grande reunião na residência oficial do ministro da Ciência e Tecnologia, Renato Archer à qual compareceram o líder do PMDB na Constituinte, Mário Covas, além de um dos seus grandes cabos eleitorais na disputa pela liderança — o senador paranaense José Richa, que chegou a contestar abertamente o estilo do presidente do PMDB.

A APROXIMAÇÃO

O deputado Euclides Scalco (PR), secretário da Executiva Nacional e que sempre desempenhou o papel de escudeiro de Ulysses, vem procurando aproximar o presidente do PMDB do líder do Partido na Constituinte, do qual acabou sendo vice-líder em face de suas notórias ligações com o ex-governador e senador José Richa.

Quando da eleição de Covas, muitos achavam que Scalco havia se passado de Ulysses para Covas face aos seus compromissos políticos regionais (no Paraná) com a liderança de Richa. Mas, hoje existe a impressão, entre políticos da cúpula do PMDB, que Euclides Scalco procura remover desconfianças nas relações de Ulysses e Covas para reaproximar os dois.

De um modo geral, todos admitem no PMDB que, desde a vitória do senador Mácio Covas, Ulysses já não exerce uma liderança hegemônica no partido. Geralmente se reconhece que Ulysses conseguiu vencer muitas dificuldades ao longo de seu reinado graças à indiscutível capacidade de engolir sapos.

Agora mesmo, ele desenvolve intenso esforço para unir o partido, beneficiando-se do notório mal-estar provocado pela iniciativa do governador Orestes Quêrcia de reclamar uma imediata reforma ministerial, incluindo a cabeça do ministro Dilson Funaro, que o partido apoiou, recentemente.

Não se pode ignorar que o presidente do PMDB sofreu, nos últimos 14 meses, uma sucessão de golpes, desde a sua marginalização da última reforma ministerial (de fevereiro), que provocou um terremoto no PMDB só superado pelo Plano Cruzado, até a vitória de Co-

vas sobre Luiz Henrique para líder da Constituinte e a derrota de Pimenta para Bernardo Cabral na disputa pela relatoria geral da Comissão de Sistematização.

Em certo sentido, a manifestação dos Governadores de São Paulo, Minas Gerais, Rio de Janeiro e Mato Grosso do Sul, contra o Ministro da Fazenda, logo após a manifestação oficial da Executiva Nacional e da bancada em favor de Funaro, ajudou Ulysses a recuperar a sua liderança dentro do partido. A maioria dos parlamentares reagiu contra a insubmissão dos governadores a uma diretoria adotada pelos órgãos de comando partidário.

Essa reação do PMDB talvez sirva para mostrar ao presidente Sarney que não chega a ser tão decisiva a influência dos governadores sobre os parlamentares. Até agora, aliás, o governo não teve êxito em sua tarefa de formar um grande bloco governista utilizando-se do apoio dos governadores.

O líder do governo na Câmara, deputado Carlos Sant'Anna, não conseguiu cavar um fosso no PMDB. Pelo contrário, ele continua enfrentando grandes dificuldades — e não apenas na esquerda, mas até mesmo em setores mais moderados. E não tem sido convidado para reuniões em "petit-comité" promovidas por Ulysses. A voz geral é que não é *persona grata* nesses encontros íntimos.

A manifestação dos governadores resultou de combinação entre eles e o Palácio do Planalto, segundo uma impressão generalizada no partido. Só que a manobra foi executada de maneira desastrosa, de tal forma que não foi bem recebida pelo Presidente e alguns dos seus mais importantes assessores e amigos.

Como a ofensiva também atingiu Aureliano Chaves, Ulysses se reaproximou do presidente de honra do PFL, mantendo com ele uma longa conversação ao fim da qual decidiram fortalecer a Aliança Democrática para prestigiar o Presidente da República e a Constituinte. Há meses, Ulysses e Aureliano não se encontravam. E se não havia um gelo entre os dois, não se pode dizer que as relações estivessem em um nível muito bom de cordialidade, em face das queixas de parlamentares dos dois partidos contra a aliança que estabeleceram.

O entendimento entre Aureliano e Ulysses procura recosturar a hoje precária Aliança Democrática para prestigiar o Governo Sarney, diante da consciência de que os dois partidos têm compromissos inarredáveis com a manutenção do Governo, que é o principal fiador do processo de transição democrática.

Ulysses encontra campo fértil dentro do PMDB para promover a unidade partidária. A aproximação dos senadores Mário Covas e José Richa com o presidente do PMDB tem o objetivo de facilitar a sua missão unificadora, diante da convicção generalizada de que o Governo tem responsabilidade na condução do processo de transição.

Embora eleito contra Ulysses (muitos dos amigos do presidente do PMDB asseguram que ele votou em Covas e não em Luiz Henrique), o senador Mário Covas não tem aparentemente nenhum interesse em contestar a liderança do presidente do PMDB, no atual momento, sem prejuízo de exercer suas atribuições com absoluta autonomia, como fez quando das indicações dos representantes do partido para as comissões e subcomissões da Constituinte.

Ainda que seu nome seja incluído no rol dos presidenciais do partido, até hoje Covas não admitiu ser candidato a presidente da República. Numa grande homenagem de que foi alvo em Santos, pela escolha para líder da Constituinte, Mário Covas recusou-se a aceitar a condição de candidato a presidente da República, repetindo que é candidato, isto sim, a governador de São Paulo — já tendo como concorrente o atual vice-governador, Almino Afonso.

Ainda que não admita, Covas é uma das alternativas mais importantes do PMDB em matéria de sucessão presidencial. Ele tem sido, aliás, coerente na defesa da tese de que o mandato do atual Presidente da República deve ser de quatro anos, realizando-se a eleição direta para escolha do futuro presidente em 1988.

Em todas as reuniões que tem tratado do tema, a nível de PMDB — e em alguns encontros com o próprio Sarney — Ulysses foi mais tolerante — admitiu um mandato de cinco anos para o atual Presidente da República. A tese do mandato de quatro anos parece dominante pelo menos entre as figuras mais expressivas do PMDB.

Quanto a Mário Covas, depois que indicou os representantes partidários às comissões e subcomissões, concluindo com êxito um acordo com o PFL e afastando ameaças de divisão em seu partido, ele pouco terá a fazer como líder na Constituinte, a não ser esperar pelo momento das grandes decisões, quando poderá desempenhar um importante papel de coordenação.

A bola, agora, está com os relatores e, em particular, com o relator-geral da Comissão de Sistematização, o ex-presidente da Ordem dos Advogados do Brasil, o deputado amazonense Bernardo Cabral.

ANC 88
Pasta 16 a 23
Abril/87
027

Líderes pensam em reeditar o compromisso que selou Aliança

Importantes lideranças do PMDB e do PFL passaram a admitir que o momento atual da vida brasileira enseja a possibilidade de reescrever o compromisso da Aliança Democrática, o que, na opinião do líder peemedebista Luiz Henrique, permitiria um pacto social novo e adaptado ao Brasil real e às suas novas dificuldades. O líder do PFL, Carlos Chiarelli, se não defende — a revisão do texto original na sua essência, acha que os dois partidos precisam assumir compromisso com o Governo e se responsabilizarem por uma economia viável. Mas o senador Hugo Napoleão (PFL-PI) acredita que o PFL e o PMDB caminham para a revisão do texto original.

E que texto é esse, de modo geral, já esquecido pela expressiva maioria da população?

Chama-se "Compromisso com a Nação", tem como signatários Ulysses Guimarães e Tancredo Neves, pelo PMDB, e Aureliano Chaves e Marco Maciel pela Frente Liberal. Foi assinado numa solenidade concor-

rida e ainda na memória de muitos políticos, realizada no auditório Nereu Ramos, da Câmara, no dia 7 de agosto de 1984. Selou a formação da Aliança que elegeu a chapa Tancredo-Sarney no Colégio Eleitoral.

Diz, na sua abertura que "Os signatários deste documento representam do Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB) e da Frente Liberal, objetivando a consolidação das

instituições democráticas, o desenvolvimento econômico do Brasil e a realização da justiça social, deliberaram constituir uma "aliança democrática", aberta aos partidos políticos e demais forças democráticas, para eleger o presidente e vice-presidente da República às próximas eleições e instituir um governo que promova o encontro do Estado com a sociedade e concretize o bem comum".

PTB espera nomeação

São Paulo — O líder do PTB na Câmara, deputado Gastone Right, disse ontem, nesta capital, ter esperanças de que seu partido seja finalmente contemplado com um ministério pelo presidente Sarney, nessa reforma que se aproxima, em atendimento à reivindicação feita pela direção nacional do PTB

quando decidiu integrar a Aliança Democrática.

O apoio do PTB ao Governo do presidente Sarney ficou condicionado a uma participação do partido em um ministério, mas desde a oficialização da adesão do PTB à Aliança Democrática nenhuma intenção nesse sentido ainda foi manifestada pelo Presidente da República.